



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS- LÍNGUA INGLESA

**A REPRESENTAÇÃO E ASCENSÃO DA MULHER EM
O DESPERTAR, DE KATE CHOPIN**

VANUZA GONÇALVES DIAS

CAJAZEIRAS-PB

2016

VANUZA GONÇALVES DIAS

**A REPRESENTAÇÃO E ASCENSÃO DA MULHER EM
O DESPERTAR, DE KATE CHOPIN**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Letras do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciado em Letras – Língua Inglesa.

Área de Concentração: Literatura

Orientadora: Prof^a. Dr^a Daise Lilian Fonseca Dias

Cajazeiras-PB

2016

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva - Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras - Paraíba

D541rDias, Vanuza Gonçalves

A representação e ascensão da mulher em O despertar, de Kate Chopin/Vanuza Gonçalves Dias. - Cajazeiras, 2016.

41f.

Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Daise Lilian Fonseca Dias.

Monografia (Licenciatura em Língua Portuguesa) UFCG/CFP, 2016.

1. Análise literária. 2. Ascensão feminina. 3. O despertar (1899). 4. Kate Chopin. 5. Edna Pontellier. I. Dias, Daise Lilian Fonseca. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU- 82.09

FOLHA DE APROVAÇÃO

Banca Examinadora

Monografia aprovada em 25/05/2016

Daise Lillian Fonseca Dias

Prof.^a. Dra. Daise Lillian Fonseca Dias

(Orientadora)

Francisco Francimar de Sousa Alves

Prof. Dr. Francisco Francimar de Sousa Alves

(Examinador interno – UFCG)

Elinaldo Meneses Braga

Prof. Ms. Elinaldo Meneses Braga

(Examinador interno – UFCG)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela minha existência e por me proporcionar sabedoria e forças para concluir essa etapa de imensa importância em minha vida.

À minha família e amigos, em especial aos meus pais, Leonardo Gonçalves Monteiro e Damiana Dias Pereira Monteiro, por todo amor, compreensão e constante apoio durante toda essa jornada.

À minha orientadora, Dr^a. Daise Lilian Fonseca Dias, pela paciência e incentivo no trabalho de orientação desta monografia.

Aos professores da banca, Elinaldo Menezes Braga e Francisco Francimar de Sousa Alves pela disponibilidade e contribuições para essa pesquisa.

Aos Professores Fabiane Gomes da Silva e Iris Helena Guedes de Vasconcelos, por toda a dedicação durante esse curso.

A todos os professores que me acompanharam durante a graduação.

Aos meus colegas de curso, por todo carinho e companheirismo, com quem pude dividir momentos que ficarão eternizados, Alyne Araújo, Bianca Déborah da Silva Gomes, Edson Freitas, Mayara Duarte e José Ironildo Junior.

A todos que contribuíram de forma direta ou indiretamente para a realização desse trabalho.

“There is no barrier, lock or bolt that you can impose on the freedom
of my mind.”

Virginia Woolf

RESUMO

O objetivo desse trabalho é analisar a ascensão da mulher no século XIX no romance *O despertar* (1899), da escritora americana Kate Chopin, à luz de teorias críticas feministas. Sabendo que a literatura é um dos meios para dar voz as mulheres, verifica-se que Kate Chopin, utilizou esse veículo para fazer uma crítica social às condições da figura feminina em suas relações de gênero, numa sociedade patriarcal. Diante disso, o romance *O despertar* foi fortemente criticado por tratar de temáticas, as quais iam contra o puritanismo da Era Vitoriana, tais como, o adultério e a busca da emancipação feminina, e, principalmente, por ter sido escrito por uma mulher. Esta pesquisa, através da protagonista, Edna Pontellier, oferece uma análise das relações de gênero e como ela se comporta em cada espaço, mostrando o conflito da mulher em relação à sua existência e às condições que lhe eram impostas. Além disso, leva-se em consideração a perspectiva do narrador em relação ao papel atribuído à mulher na sociedade patriarcal. Assim, esta é uma pesquisa de caráter bibliográfico e para levantar tais discussões, fundamenta-se no suporte teórico de Woolf (2004), Zolin (2005) e Moreira (2003), dentre outros. Por fim, este estudo mostrará a descoberta da subjetividade de Edna, sua ascensão e eventual “queda”, sobretudo porque a morte é um dos finais característicos da pena feminina, como crítica à falta de opção viável para a total liberdade feminina.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura, Feminismo, Mulher, Patriarcado.

ABSTRACT

The objective of this research is to analyze women rise in the nineteenth century in the novel *The Awakening* (1899), by the American writer Kate Chopin from a feminist perspective. Knowing that literature is a mean to give voice to women, it is clear that Kate Chopin used this way to criticize the social conditions of the feminine figure in her gender relations in a patriarchal society. Therefore, the novel *The Awakening* was strongly criticized for dealing with these issues that went against the Puritanism of the Victorian Era, such as, adultery and the search of female emancipation, and especially for having been written by a woman. This research, through the protagonist, Edna Pontellier, offers an analysis of the gender relations and how she behaved in each space, showing woman's conflicts about her existence and conditions imposed on her. Besides, this work takes into consideration the narrator's perspective on the role given to women in that patriarchal society. Thus, this research is of bibliographical nature and in order to foment such discussions, it is based on the theoretical support of Woolf (2004), Zolin (2005) and Moreira (2003), among others. Finally, this study shows the discovery of Edna's subjectivity, her rise and eventual "fall", especially because death is one of the characteristic ending of the female pen, as a criticism to the lack of viable option for a feminine freedom.

KEY-WORDS: Literature, Feminism, Women, Patriarchy.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 KATE CHOPIN E A ERA VITORIANA	11
1.1 ASPECTOS DA ERA VITORIANA	11
1.2 ASPECTOS DA VIDA E DA POÉTICA DE KATE CHOPIN	15
2 FEMINISMO E LITERATURA	19
2.1 O MOVIMENTO FEMINISTA	19
2.2 A CRÍTICA LITERÁRIA FEMINISTA.....	21
2.3 A AUTORIA FEMININA.....	25
3 DESCONSTRUINDO A OPRESSÃO	28
3.1 O NARRADOR E AS RELAÇÕES DE GÊNERO	28
3.2 EDNA PONTELLIER: ESPAÇO E CONDIÇÃO	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS	40

INTRODUÇÃO

Ao longo da história, as mulheres vêm conquistando seu lugar na sociedade. Embora inicialmente não obtivessem o sucesso almejado, a trajetória delas tem sido marcada por grandes conquistas. Uma delas foi expor seus pensamentos através da literatura, visto que durante muito tempo a mesma não poderia ser um veículo de porte profissional para as mulheres. Enfrentando muitas dificuldades e críticas, aos poucos elas foram se inserindo neste meio e conquistando um espaço próprio, aclamado pelo público e pela crítica, como aconteceu ao longo do século XIX, período em que as mulheres entraram no mercado editorial de forma sistemática.

Obras escritas por mulheres não tinham o mesmo sucesso daquelas escritas por homens, pois as hierarquizações de poder masculino dominavam a sociedade, como por exemplo, no século XIX, onde o patriarcalismo influenciava muito mais diretamente do que na atualidade o estilo de vida dos cidadãos, em especial das mulheres. Todavia, mulheres como Margaret Fuller, Mary Wollstonecraft e Kate Chopin são nomes importantes na literatura e na crítica literária de viés feminista. Elas desafiaram as doutrinas patriarcais através da escrita por meio de temas considerados tabus, tais como, sexualidade, divórcio, adultério e questões militantes no que concerne ao sufrágio feminino, por exemplo.

A produção literária feminina no contexto histórico de Kate Chopin (autora do corpus desta pesquisa, o romance *The Awakening* [*O despertar*], 1899), visava denunciar as desigualdades sociais e políticas, proporcionando reflexões acerca da situação da mulher. Diante disso, a autoria feminina é de extrema importância, pois através dela pode-se conhecer a história na perspectiva da mulher e sua representação. Posteriormente, no século XX, surge a crítica literária feminista de modo sistemático com o objetivo de analisar obras de autoria masculina e feminina, desconstruindo e desvelando crenças patriarcais, no que se refere às relações de poder e gênero. Assim, a literatura e o feminismo oferecem suporte para elucidar aspectos que por muito tempo ficaram obscuros na escrita masculina e feminina, e têm como intuito a libertação feminina dos padrões impostos pela sociedade, tanto no universo intratextual quanto extratextual. Desta maneira, a condição feminina do século XIX, será analisada a partir do romance *O despertar*, sob uma perspectiva feminista, tendo como suporte teóricos, os estudos de Woolf (2004), Zolin (2005), Moreira (2003), Showalter (2009), dentre outros.

Diante do exposto, esta pesquisa está dividida em três capítulos. O capítulo I retratará o contexto histórico da Era Vitoriana onde a autora Kate Chopin está inserida, em seguida,

abordará aspectos da vida e da poética da autora. No capítulo II, será feita a trajetória do movimento feminista, assim como abordagens da crítica feminista e de autoria feminina como meio de investigação para os estudos feministas. No capítulo III, foi destinado para a análise do romance *O despertar* que será apresentada a condição feminina no século XIX, a partir das relações de gênero e como a mulher se comporta nos diferentes espaços na sociedade.

1 KATE CHOPIN E A ERA VITORIANA

1.1 ASPECTOS DA ERA VITORIANA

A Era Vitoriana foi um período marcado pelo reinado da rainha Vitória sobre a Inglaterra no século XIX que perdurou por 63 anos. Alexandrina Vitória Regia nasceu no dia 24 de maio de 1819 assumindo o trono da Inglaterra aos 18 anos de idade. Seu reinado (1837-1901) foi uma época de grande importância para a história inglesa, marcada por grandes avanços econômicos e industriais (MARQUES, 2010)

Durante o que ficou conhecido como a Era Vitoriana, a Inglaterra tornou-se o país mais poderoso do mundo, visto que a mesma restaurou o prestígio da coroa inglesa e, com isso, vieram muitos benefícios para o país. Com um forte desenvolvimento industrial, período marcado pela Segunda Revolução Industrial, a principal mudança foi a substituição do trabalho artesanal pelo uso de máquinas. A Inglaterra foi pioneira nesse campo por ser economicamente estável, portanto tinha dinheiro suficiente para comprar máquinas e contratar empregados. Apesar da Inglaterra crescer economicamente nem todos eram beneficiados por esse avanço (MARQUES, 2010). Crianças, homens e mulheres pobres foram as principais vítimas da exploração de trabalho nas fábricas inglesas, conforme mostram os romances de Charles Dickens.

No que se refere ao âmbito social, o puritanismo era predominante e controlava os aspectos morais, bem como os emocionais, a exemplo do que é retratado no romance *The age of innocence*, da autora Edith Wharton. Moraes (2004, *apud* MARQUES, 2010) aponta que a família era vista como um templo de perfeição e divindade, cuja mulher representava o que seria a imagem ideal dentro de um ambiente familiar. Desta maneira, a domesticidade foi algo bastante presente no século XIX. Entretanto, ao mesmo tempo que a estrutura da sociedade era voltada para o puritanismo e imposto com rigor e severidade, mesmo assim aconteciam fatos inaceitáveis para a época, como por exemplo o adultério. Segundo Mendes (1983 *apud* MARQUES 2010), apesar das rígidas regras ditadas pela rainha, aconteciam atos ditos como imorais e não eram trazidos à tona para não denegrir a imagem da coroa inglesa. Um exemplo disto é o fato de que a prostituição era vista como um mal necessário, como um esgoto da sociedade, uma vez que as esposas não eram estimuladas a sentirem prazer. O ato sexual entre casados era apenas indicado para fins de procriação.

Para Nietzsche o que difere entre moral e imoral são as leis e as tradições impostas para uma determinada época:

A hierarquia dos bens um dia adotada, conforme um egoísmo inferior, mais elevado ou superior queria isto ou aquilo, decide, agora, quanto ao *ser moral* ou *ser imoral*. Preferir um bem baixo (prazer sexual, por exemplo) a um bem mais apreciado (saúde, por exemplo) e considerado como imoral, assim como preferir uma vida regalada à liberdade. A hierarquia dos bens, porém, não é fixa e igual em todas as épocas; se alguém prefere a vingança à justiça, é moral, segundo o padrão de uma civilização mais antiga, e imoral, segundo a atual. “Imoral indica, portanto, que um indivíduo ainda não sente ou não sente ainda com mais intensidade os motivos mais elevados e mais finos, mais espirituais, que a então nova civilização acrescentou: designa um atrasado, mas sempre segundo uma diferença de grau. A própria hierarquia dos bens não é organizada e reorganizada consoante pontos de vistas morais; mas é consoante e a sua respectiva fixação que se decide se uma ação é moral ou imoral (NIETZSCHE, 2005, p. 64).

Nota-se que a sociedade está em constante transformação, e o homem é responsável por impor seus valores e leis. Contudo, na medida em que a sociedade se transforma, o que se define moral ou imoral também podem mudar. Outro aspecto marcante na época é a imagem paterna, relacionada ao poder, ou seja, tinha controle e domínio nas esferas sociais, políticas e econômicas na sociedade. Além desses lugares mais almejados, a submissão também podia ser percebida em tarefas consideradas simples e de exclusividade feminina, como por exemplo, os deveres domésticos (ROSSI, 2006)

De acordo com Margaret Fuller (1810-1850), o homem e a mulher no século XIX podem ser definidos como “Energia e Harmonia; Poder e Beleza; Inteligência e Amor” (cf. INGE, 2001, p. 223; tradução nossa)¹. Os adjetivos relacionados ao homem fazem referência ao lado intelectual e a mulher ao lado emocional, espiritual e também às questões da aparência. Além dessa herança, cujo poder é intrínseco ao homem, outro fator que sustenta essas relações são as questões biológicas:

O patriarcado constituiu-se a partir da concentração de recursos e propriedade nas mãos dos homens definindo um sistema de heranças ligado a uma genealogia por via varonil. As mulheres, sendo-lhes atribuído um papel essencialmente circunscrito à casa, foram marginalizadas em relação às instituições de poder político, de transmissão do conhecimento e de formação profissional. A padronização das relações entre os dois sexos garante continuidade e estabilidade a este sistema social, cujos valores, e correspondentes dominante, interpretam diferenças biológicas como

¹ Energy and Harmony; Power and Beauty; Intellect and Love.

diferenças em termos de capacidades, interesses legítimos e até de valor humano (MACEDO & AMARAL,2005, p. 145).

Sendo uma questão varonil, ou seja, aquele que tem um comportamento e postura honrosa e esta era relacionada ao homem, a mulher ficaria excluída dos papéis considerados importantes na sociedade. Observa-se que tais relações estão ligadas à questões de sexo e gênero e isso é uma questão histórico-social, já que está enraizada nas sociedades desde os primórdios.

A Era Vitoriana exigia dentro de suas rígidas regras a opressão sexual e a tradição familiar, assim, a hierarquização inevitavelmente influenciou a literatura. Nesse sentido, as mulheres sofriam diretamente com as repressões ate mesmo no âmbito literário. Apesar de acontecer a evolução no campo da literatura, o papel das mulheres permanecia inalterado. Além da questão biológica, afirmavam-se que o homem possuía uma superioridade intelectual a da mulher, e podia ser comparada ao preço da libra, impondo a questão da tradição para impedir qualquer desenvolvimento social:

Na Inglaterra, a condição da Mulher na Era Vitoriana (1832-1901) foi tenazmente marcada por diversos tipos de discriminações, justificadas com o argumento da sua suposta inferioridade intelectual das mulheres, cujo cérebro pesaria 2 libras e 11 onças, contra 3 libras e meia do cérebro masculino. Resulta disso que a mulher que tentasse usar seu cérebro, ao invés da delicadeza, compreensão e submissão, afeição ao lar, inocência e ambição, estaria violando a ordem natural das coisas, bem como a tradição religiosa (ZOLIN, 2005, p. 184).

Nietzsche na sua linha de pensamento filosófico explica a tradição como um tipo de finalidade para manter certo comportamento e pensamento de um povo, de modo que desviar-se dela é algo visto como inaceitável:

Como a tradição surgiu, isso é indiferente, na ocorrência; em todo, o caso, foi sem atender a bem e mal ou qualquer imperativo categórico imanente, mas, antes de mais nada, com a finalidade de manter uma *comunidade*, um povo; todo uso supersticioso, que surgiu em virtude dum caso erradamente interpretado, produz forçosamente uma tradição, a qual é moral seguir, e que querer libertar-se dela é perigoso, mas nocivo ainda para a comunidade do que para o indivíduo (porque a divindade pune a comunidade,e, só nessa medida, também o indivíduo, pelo sacrilégio e por qualquer violação dos seus privilégios) (NIETZSCHE,2005, p.95).

Tais costumes já estavam enraizados no século XIX e o temor aos castigos divinos reforçavam essas práticas, pois desde os primórdios os papéis do homem e da mulher

eram bem definidos e tentar modificá-los seria ir contra a natureza, conforme ilustra o romance *A letra escarlata*, de Nathaniel Hawthorne. Durante este regime patriarcal que predominava na época e ainda está em pleno vigor na sociedade ocidental e, sobretudo, na oriental, a sociedade estava acostumada com a idealização da mulher, ou seja, as mulheres deveriam aspirar ao papel de “anjo de lar”. Um ser delicado, belo, que fazia seu lar um templo apenas para viver por seus filhos e marido, conforme ilustra o poema “The Angel in the House” (1864), do inglês Coventry Patmore. Desde criança as mulheres eram domesticadas, educadas para o lar, para a maternidade e quando a mulher tinha comportamento diferente daquele imposto era rotulada como louca ou demoníaca, alguém que não dispunha de uma boa saúde mental, conforme retrata a pretexto da crítica, Kate Chopin, em seu romance *O despertar* (1899) e Charlotte Perkins Gilman no conto “The yellow wallpaper”.

Com relação à questão da loucura, a mulher que tivesse o dom de escrever seria condenada a viver sob opressão, ou seja, ela não podia expor todo seu talento apenas por um motivo, uma sociedade machista que a controlava e a mantinha aprisionada a uma vida infeliz. Além disso, duvidava-se que alguma mulher tivesse esse talento. Essa idéia está exposta no texto de crítica feminista *A Room of one's Own* [*Um teto todo seu*] (1928) de Virginia Woolf, no qual a escritora mostra o conflito da mulher tanto com o seu eu quanto com a sociedade que não concedia liberdade para ela expressar o que havia no seu interior com a mesma liberdade destinada aos homens. .

Percebe-se que a mulher foi vítima da opressão até mesmo no âmbito literário, muitas tiveram que publicar sob pseudônimo para evitar o duplo padrão da crítica – feroz contra textos de autoria feminina. Provavelmente, era mais favorável para os homens não ter concorrentes, alguém que pudesse ocupar seu lugar nas atividades com maior reconhecimento, principalmente na literatura, pois isso repercutiria no mundo inteiro. A partir disso, pode-se observar que, obviamente, a mulher na era vitoriana nunca teria a liberdade de expressar o mesmo talento que os homens, visto que, a mesma nunca teria a oportunidade de descobri-lo muito menos expô-lo. Desta maneira, é possível concordar que não se podia esperar nada das mulheres intelectualmente, pois esse direito e vários outros lhes foram tirados. Todavia, a história mostra que muitas mulheres se empenharam numa luta por direitos civis, de modo que a condição feminina progrediu consideravelmente no século XIX, o século que veio a ser conhecido como “o século da romancista,” fato que atesta a capacidade de luta das mulheres e seu poder para reverter imposições cristalizadas na mentalidade patriarcal da sociedade ocidental, em especial, a inglesa.

1.2 ASPECTOS DA VIDA E DA POÉTICA DE KATE CHOPIN

Nascida em Saint Louis, estado do Missouri, sul dos Estados Unidos, em 08 de fevereiro de 1850, Catherine O'Flaherty, mais conhecida como Kate Chopin, é uma das mais importantes escritoras realistas americanas do século XIX. Descendente de uma tradicional família *creole*² francesa, Kate Chopin é filha de Thomas O'Flaherty, um imigrante irlandês que se tornou um comerciante de sucesso e de Eliza Faris, uma aristocrata de New Orleans de ascendência francesa. (KNOP & GUERRA, 2011)

Os acontecimentos na vida da autora transparecem em suas produções literárias, como por exemplo, a morte do seu pai, Thomas O'Flaherty, em 1855 ocasionou fortes mudanças em sua vida. De acordo com Silvestre (2007, p. 21), esse fato influenciou diretamente em sua percepção e reflexão sobre a sociedade em que vivia, visto que a família ficou no controle das mulheres:

[...] Kate Chopin foi criada num mundo de mulheres que, sendo viúvas, adquiriram o direito de ministrar seus bens, educar seus filhos e ser responsáveis pelas próprias vidas, sem a interferência direta de um homem. Esse episódio, juntamente com a atitude da mãe de levar a filha de volta para casa pode ter se constituído, aos olhos da menina, numa das primeiras percepções da condição das mulheres e um reflexo da sociedade patriarcal que mais tarde a escritora procuraria combater (SILVESTRE, 2007, p. 21).

Percebe-se que a vida de Kate desde criança não foi comum em comparação a de outras mulheres daquela época, pois a ausência de uma figura masculina já a moldava como uma mulher de pensamento diferente das demais.

Outra influência é a Senhora Cherleville, bisavó de Kate, que contribuiu para sua educação, desenvolvendo nela o gosto pela música e pela língua francesa (KNOP & GUERRA, 2011). Kate foi casada com Oscar Chopin e mudou-se para New Orleans. Diante das dificuldades financeiras, Kate assume o controle dos negócios e consegue se estabilizar diante da viuvez. Em 1884, ela retorna para seu lugar de origem, Saint Louis, juntamente com seus seis filhos (ROSSI, 2006). Como forma de lazer e para aumentar sua renda, começou escrever incentivada por Kolbenheyer, médico e amigo. Assim Chopin dá início a sua carreira literária (KNOP & GUERRA, 2011). A morte de Oscar contribuiu para que o mundo

² Termo designado a uma população descendentes de Franceses e espanhóis.

conhecesse as brilhantes obras dessa autora que inspirou escritoras e continua sendo admirada e respeitada.

Chopin tornou-se reconhecida nos meios jornalísticos e revistas por meio da publicação dos contos *Bayou Folk* (1894) e *A Night in Acadie* (1897) (ROSSI, 2006). Entretanto, surpreendeu o público e a crítica com o romance *O despertar* (1899) obra caracterizada pelas posturas ligadas a libertação feminina e, por esse motivo foi alvo, de críticas (MOREIRA, 2003). Além de *O despertar* (1899), que será foco deste estudo, Chopin escreveu ensaios críticos, poemas e contos, os quais transpunham todas as barreiras encontradas pelas mulheres que impediam sua ascensão social.

No âmbito literário, vale ressaltar que a autora foi influenciada por Maupassant, Flaubert, Emerson e Whitman. Maupassant foi uma das influências mais importantes na carreira de Kate. Com grande dedicação e esforço, ela estudou textos dele para aperfeiçoar sua técnica na escrita. Através desses estudos, ela se inspirou e aprendeu a escrever sobre assuntos que a levaram ao reconhecimento mundial (MOREIRA, 2003). As qualidades mais valorizadas na criação literária de Kate são a originalidade e a espontaneidade. Segundo Gilbert e Gubar (1996), Maupassant e Chopin são conhecidos por fugir das tradições e da autoridade:

Maupassant, em particular, tornou-se um dos seus ídolos literários, um artista a quem ela define como "um homem que havia escapado da tradição e autoridade, que tinha entrado em si mesmo e olhado a vida através de seu próprio ser e com seus próprios olhos. Em toda a sua ficção, Chopin, também foi promulgar desses escapes do tradicional e autoridade. Uma série de contos, por exemplo, examinou as desigualdades de casamento tradicional; alguns exploraram as distinções raciais arbitrárias que caracterizam a cultura do sul; outros questionaram as divisões de classe que marcaram mesmo assim, aparentemente simples, um mundo como o da paróquia de Natchitoches; finalmente, realmente imaginado uma ou duas alternativas em que a sociedade pode ser estruturada para permitir que as pessoas, especialmente mulheres, tenham mais oportunidades para a liberdade emocional, sexual e intelectual (GILBERT & GUBAR, 1996, p. 1012; tradução nossa).³

³ Maupassant, in a particular, had become one of her literary idols, an artist whom she defined as a "man who had escaped from tradition and authority, who had entered into himself and looked out upon life through his own being and with his own eyes. In all her fictions, Chopin, too was enacting just such escapes from traditional and authority. A number of tales for instance, examined the inequities of traditional marriage; some explored the arbitrary race distinctions that characterized southern culture; others questioned the class divisions that marked even so seemingly simple a world as that of Natchitoches parish; finally, one or two actually imagined alternative ways in which society might be structured to allow individuals, especially women, more opportunities for emotional, sexual, and intellectual freedom.

A vida e obra de Kate Chopin foram objetos de estudos para biógrafos e, a partir disso, livros foram lançados sobre. O primeiro a lançar um livro sobre a autora foi Daniel S. Ranking. No livro *Kate Chopin and Her Creole Stories* (1932), Chopin ganha o título de a escritora da “Cor local”, nome designado as obras que tratam da cultura local. Os principais representantes desse grupo foram, além de Chopin, Bret Harte (1836-1902), Joel Chandler Harris (1811-1896). Todos eles eram considerados regionalistas, pois seus textos ou obras retratavam costumes de seu país, mas especificamente da região sul dos Estados Unidos (MOREIRA, 2003)

Em uma de suas obras chamada *Bayou Folk* (1894), Chopin abordou temas em que grande parte das histórias se passa na região de St. Louis, onde viveu boa parte de sua vida. Entretanto, a escritora não delimitou-se ao título de regionalista, através de temas e técnicas diversas utilizadas em sua produção, suas obras passaram a ter características e caráter próprios da escritora e atingiram temáticas universais. Apesar de regionalista, Chopin expunha suas obras de maneira mais abrangente:

Embora “regionalista” a, a autora possui a habilidade de sair do universo micro para teorizar sobre a sociedade de forma mais abrangente e abordar diversas questões de natureza universal. Exímia contista, ela tratou de forma peculiar alguns temas polêmicos: dificuldades de relacionamento conjugal, discriminação e conscientização femininas, preconceito racial, frivolidade social e escravidão (KNOP & GUERRA, 2011, p. 05).

O biógrafo Per E. Seyersted publica em 1969 *A Critical Biography* sobre Kate Chopin. No livro, Seyersted define Chopin como a primeira mulher americana realista a tratar questões de liberdade e autonomia feminina. Ele liga a sua imagem a capacidade e coragem por abordar assuntos que transcendiam sua época, assim como o papel imposto à mulher (MOREIRA, 2003).

Considerada uma mulher à frente do seu tempo, Chopin retratava em suas obras temas considerados polêmicos e inadequados, como por exemplo, matrimônio, maternidade, divórcio, infidelidade feminina, sexualidade e a representação da luta da mulher em busca de sua identidade enfrentando o Patriarcalismo do século XIX. Kate Chopin viveu em uma sociedade vitoriana correspondente ao reinado da Rainha Vitória e é vista como uma das grandes autoras por desafiar o mundo e suas definições do “ser” feminino. Ela utilizou dos meios que estavam ao seu alcance para dizer ao mundo, através de suas obras as quais relatavam sua vivência, como a mulher se sentia em relação a essas divisões sociais rígidas para ambos os sexos. De acordo com os padrões do período Vitoriano as escrituras de Chopin

eram tidas como um escândalo moral e ético. Apesar disso, a autora reconhecida por seus temas, é bastante reconhecida também pelo viés feminista de suas obras, o que a levou a tornar-se uma referência na área.

2 FEMINISMO E LITERATURA

2.1 O MOVIMENTO FEMINISTA

O movimento feminista é uma reivindicação feminina que surgiu com o intuito de lutar pelo direito da mulher para se tornar um ser ativo na sociedade. A luta das mulheres se perdura por diversos anos em vários lugares do mundo e vem fazendo história até os dias atuais. Essa luta incansável almeja a liberdade em diversos campos:

Trata-se de um movimento político bastante amplo que, alicerçado na crença de que, consciente e coletivamente, as mulheres podem mudar a posição de inferioridade que ocupam no meio social, abarca desde reformas culturais, legais e econômicas, referentes ao direito da mulher ao voto, à educação, à licença-maternidade, à prática de esportes, à igualdade de remuneração para função igual etc., até uma teoria feminista acadêmica, voltada para reformas relacionadas ao modo de ler o texto literário (ZOLIN, 2005, p. 185).

Sendo um movimento político de grande marco, é de extrema importância entender sua história e processos que acompanharam essa trajetória de lutas e conquistas. A história do feminismo teve as primeiras grandes batalhas e conquistas na segunda metade do século XIX, momento em que as mulheres lutavam por seus direitos trabalhistas como também o direito ao voto. Um tipo de movimento que se expandiu por todo o mundo através de manifestações deixando sua marca na história, como cita Rossi (2006, p. 38): “Foi por causa de uma dessas manifestações, ocorrida em Nova York e que resultou na morte de mais de cento e trinta mulheres em uma fábrica, que foi instituído o Dia Internacional da Mulher (08 de março).”

Já no Brasil, o feminismo ganhou força juntamente com os movimentos abolicionistas e republicanos. Na Inglaterra, este movimento alavancou a partir de petições pelo direito ao voto (ZOLIN, 2005). Além do sufrágio e dos direitos trabalhistas as mulheres também enfrentavam uma grande batalha no que se refere a liberdade de expressão à assuntos considerados tabus para aquela época:

As reivindicações femininas de prevenção da gravidez ou pelo divórcio eram também consideradas ameaçadoras. Na Conferência Anarquista Internacional, em Paris, em 1900, Emma Goldman foi impedida de ler seus discursos sobre sexualidade sob pretexto de uma possível má repercussão (NYE, 1995, p. 52).

Nas décadas de 1960 e 1970 as mulheres saíram às ruas reivindicando a situação em que a sociedade tinha como alicerces os valores masculinos, declarando-se independentes destes. Como formas de protesto foram queimados sutiãs e também tentaram inverter os papéis, ou seja, assumindo profissões de caráter considerado até então como sendo masculino. Apesar de todos esses esforços, não obtiveram o sucesso no nível desejado e perceberam que teriam de criar um espaço próprio, visto que enfrentavam as imposições do patriarcalismo em maior escala do que se vê ainda hoje. Entretanto, este não é um apenas um movimento social, pois abrange espaços que possam não só interferir exclusivamente nas leis, mas também que desconstruam ideologias criadas pelo patriarcalismo, e a literatura dá um leque de possibilidades para que isso aconteça (ROSSI, 2006).

Percebe-se que a mulher tentava conquistar vários espaços que lhe eram negados apenas pelo fato de ser considerada um ser frágil e delicado, que não tinha condições físicas e intelectuais para se igualar ao papel exercido pelo homem. Embora houvesse todas essas desvantagens postuladas pela sociedade, ao invés de serem desanimadoras fizeram com que as mulheres comesçassem a criar estímulos para essa luta, a qual, conforme Silvestre, não se resumia apenas a questões militantes:

Uma feminista deve ser vista não somente no papel de militante radical das causas das mulheres a partir da década de 60, mas também como aquela que, à sua maneira, conseguiu visualizar e denunciar as condições de desigualdade entre os sexos, mesmo tendo vivido muito tempo antes de ter sido cunhado o termo “Feminismo” (SILVESTRE, 2007, p. 12)

Dentre os importantes nomes do movimento feminista que lutaram por seus direitos podemos citar feministas do século XIX, como Margaret Fuller e Mary Wollstonecraft, do século XVIII. Considerado um tipo de leitura obrigatória para o movimento das mulheres *Woman in the Nineteenth Century* é um livro de Margareth Fuller que retrata a emancipação da mulher. A radicalista Mary Wollstonecraft em seu mais famoso livro *A Vindication of the Rights of Woman*, defende os direitos da mulher e critica a sociedade e a cultura que inferioriza o papel feminino e a “ vaidade, trivialidade, duplicidade e egoísmo são as características secundárias da criatura, chamada feminina, que foi construída para atender a sociedade” (GILBERT & GUBAR, 1985, p. 255; tradução nossa).⁴ Outro nome importante para os estudos feministas é Simone de Beauvoir. Em *O segundo sexo* ela trata da questão existencial e da emancipação da mulher, sobretudo a construção cultural da figura

⁴ Vanity, triviality, duplicity, and selfishness are the secondary characteristics of the creature, called female, who has been constructed to suit society.

feminina, quando ela afirma, na abertura do seu livro que “ninguém nasce mulher, torna-se mulher” (BEAUVOIR, 1980, p. 01). Isto significa que a menina é ensinada desde a primeira infância a se comportar como tal, de igual modo ocorre com os meninos, o que resulta em papéis sociais marcados e delimitados pela sociedade. A visão libertária da autora promove a desconstrução, inclusive das imagens da mulher propostas no universo patriarcal, visto que ela remonta ao determinismo biológico para elucidar suas questões.

2.2 A CRÍTICA LITERÁRIA FEMINISTA

A crítica literária feminista surgiu com o objetivo de desconstruir os estereótipos construídos pela sociedade no que se refere à posição da mulher em relação ao homem, por exemplo, tanto nas esferas política, social quanto cultural. De acordo com Zolin (2005), as literaturas canônicas são as principais referências, as quais apontam que desde os primórdios existem essas hierarquias de poder. A autora ainda afirma que a crítica feminista tenta configurar essa ordem e desconstruir discriminações acerca dessas questões de gênero, considerando que as mesmas são herdadas da cultura de uma sociedade.

É notório que tal estereótipo negativo é algo que vem sendo repassado de geração em geração e está enraizado na sociedade. Assim, a situação feminina deve ser investigada historicamente e a literatura oferece essa possibilidade, pois é através de textos literários que podemos ter uma compreensão dessa situação.

Baseado nesses textos pode-se analisar personagens femininos, experiências e, sobretudo, temas traços do patriarcado nas obras. Portanto, a crítica feminista tem como objetivo dar ênfase as obras escritas por mulheres levando em consideração suas experiências. Além da imagem feminina, a crítica feminista recupera a voz da mulher sufocada pela repressão, ou seja, sendo a literatura um meio de libertação para mulher expor seu pensamento, a crítica feminista utiliza os textos literários como meio de investigação. Outrossim, é possível afirmar que tal estudo assume um caráter interdisciplinar, sem perder o foco principal, o universo feminino (MOREIRA, 2003).

Tendo em vista a interdisciplinaridade, o feminismo está diretamente ligado à literatura, embora seja um tema que vem sendo trabalhado há várias décadas. Considerando textos literários como objeto de investigação é necessário compreender os “conceitos operatórios da crítica feminista” (ZOLIN, 2005, p. 183), ou seja, termos próprios do

feminismo, sobretudo porque “Fica mais claro entender o que vem a ser a crítica literária feminista e, como ela funciona, quando se tem conhecimento de algumas noções prévias acerca do feminismo entendido como um movimento social e político que lhe deu origem” (ZOLIN, 2005, p. 183). A seguir, um quadro no qual a autora ainda define os principais termos da crítica feminista (ZOLIN, 2005, p 183):

Feminino	Termo empregado em dois sentidos distintos; a determinação de cada um depende do contexto em que está inserido: na maior parte das vezes, o termo <i>feminino</i> aparece em oposição a <i>masculino</i> e faz referência às convenções sociais, ou seja, a um conjunto de características (atribuídas à mulher) definidas culturalmente, portanto em constante processo de mudança. Pode referir-se, todavia, simples e despojadamente ao sexo feminino, sem nenhuma outra conotação.
Feminista	Trata-se de um termo que não é utilizado no sentido panfletário que costuma ser entre nós, mas tal como é utilizado em língua inglesa: como categoria política, e não pejorativa, relativa ao feminismo entendido como movimento que preconiza a ampliação dos direitos civis e políticos da mulher, não apenas em termos legais, mas também em termos de prática da social.
Gênero	Categoria tomada pela crítica feminista de empréstimos à gramática. Originalmente, gênero consiste no emprego de desinências diferenciadas que visam designar indivíduos de sexos diferentes ou coisas sexuadas. A crítica feminista, todavia, fez com que o termo assumisse outras tintas: toma-o como uma relação entre os atributos culturais referentes a cada um dos sexos e à dimensão biológica dos seres humanos. Trata-se, portanto, de uma categoria que implica diferença sexual e cultural. O sujeito é constituído no gênero em razão do sexo a que pertence e, principalmente, em razão de códigos lingüísticos e representações culturais que o matizam, estabelecidos de acordo com as hierarquias sociais.
Logocentrismo	Termo utilizado no sentido empregado por Jacques Derrida, seu criador, para designar o pensamento canônico, num contexto marcado pelo empenho em desmontar e desqualificar a mistificação implícita no discurso as hierarquias sociais.
Falocentrismo	Termo tomado por algumas escritoras e críticas francesas para desafiar a lógica predominante no pensamento ocidental, bem como a predominância da ordem masculina.
Patriarcalismo	Termo utilizado para designar uma espécie de organização familiar originária dos povos antigos, na qual toda instituição social concentrava-se na figura de um chefe, o patriarca, cuja autoridade era preponderante e incontestável. Esse conceito tem permeado a maioria das discussões, travadas no contexto do pensamento feminista, que envolvem a questão da opressão da mulher ao longo de sua história.

Desconstrução	Termo que provém da obra de Jacques Derrida, utilizado pelos teóricos de literatura em uma espécie de crítica das oposições hierárquicas que estruturam o pensamento ocidental, tais como: modelo x imitação; dominador x dominado; forte x fraco; presença x ausência; corpo x mente; homem x mulher. Trata-se de se apoiar na convicção de que oposições como essas não são absolutamente naturais, nem inevitáveis, mas construções ideológicas que podem ser desconstruídas, isto é, submetidas a estrutura e funcionamento diferentes.
Alteridade	A dialética da identidade/ alteridade foi originalmente elaborada pela filosofia (de Descartes a Sartre), sendo que a “identidade foi concebida como um núcleo e a alteridade como uma ‘exterioridade’, de um ‘estranho’, uma ‘negativa’ do si-mesmo, orbitando ao seu redor” (WADDINGTON, 1996, p. 337). Trazendo-a para o mundo para o mundo das relações de poder na sociedade patriarcal, o núcleo coube ao homem, “senhor da razão, da lei, da religião e proprietário das riquezas” (WADDINGTON, 1996, p. 337); a periferia, à mulher, expropriada desses atributos. A partir desse contexto da exterioridade, da estranheza e da negatividade, foi atribuída uma alteridade à mulher, mas alteridade entendida como sinônimo de condição objetual e de identidade em falta, e não uma alteridade autêntica, intersubjetiva. Esta permaneceu por ser conquistada. O desnudamento da <i>alteridade</i> da literatura de autoria feminina constitui-se na base da abordagem feminista da literatura. Isso implica dizer que a análise das obras escritas por mulheres é realizada visando promover o desnudamento da alteridade do discurso feminino, de acordo com o princípio da diferença, ou seja, como um discurso “outro” em relação ao “mesmo”.
Mulher-sujeito e Mulher-objeto	Categorias utilizadas para caracterizar as tintas do comportamento feminino em face dos parâmetros estabelecidos pela sociedade patriarcal: a <i>mulher-sujeito</i> é marcada pela insubordinação aos referidos paradigmas, por seu poder de decisão, dominação e imposição; enquanto a <i>mulher-objeto</i> define-se pela submissão, pela resignação e pela falta de voz. As oposições binárias subversão/aceitação, inconformismo/resignação, atividade/passividade, transcendência/imanência, entre outras, referem-se , respectivamente, a essas designações e as completam.

Conhecer a terminologia apresentada acima é fundamental para quem trabalha ou deseja conhecer a crítica literária feminista, especialmente porque para Showalter (2009, p. 7; tradução nossa), um vocabulário crítico feminista é algo que faz parte de uma interdisciplinaridade, onde estão empenhados “[...] psicólogos, sociólogos, historiadores sociais e historiadores de arte para reconstruir a experiência política, social e cultural das mulheres.”⁵

Sabendo da importância do feminismo nas diversas áreas do saber, vale salientar que o mesmo vem ganhando força com o passar dos anos, apesar de que hoje há quem diga que as mulheres já conquistaram tudo o que desejaram, de modo que entendem a época atual como

⁵ [...] psychologists, sociologists, social historians, and art historians to reconstruct the political, social, and cultural experience of women.

pós-feminista. Zolin (2005), afirma que o objetivo do feminismo e sua importância não está nas polêmicas causadas, mas sim nas suas contribuições. Levando em conta o processo histórico da crítica feminista, a mesma assume duas vertentes diferentes: a crítica feminista francesa e a crítica feminista anglo-americana. Segundo Moreira (2003, p.35) ambas são “solos epistemológicos distintos”:

1. A linha francesa, sob influência da desconstrução derridiana e da psicanálise lacaniana, está voltada para a identificação de uma “possível” subjetividade feminina.
2. A linha anglo-americana que privilegia a contextualização político pragmática, trabalhando com mais ênfase os problemas ligados à formação dos cânones, às ideologias de gênero e de suas práticas interpretativas, às implicações das experiências culturais e intersubjetivas de leitoras e/ou autoras reais nos discursos de representação (MOREIRA 2003, p.35).

Apesar de apresentado duas linhas de estudos da crítica feminista, a anglo americana e francesa, para este estudo está sendo adotada a crítica feminista anglo-americana que está ligada à autoria feminina e à experiência de vida da mulher. De acordo com Showalter (1994 *apud* ZOLIN, 2005, p. 193), a crítica literária feminista se divide em:

Crítica feminista	A mulher como leitora: 1) Análise dos estereótipos femininos na literatura canônica; 2) Análise do sexismo subjacente à crítica literária tradicional; 3) Análise da pouca representatividade da mulher na história literária.
Ginocrítica	A mulher como escritora: 1) Estudo da história, do estilo, dos temas, dos gêneros e da estrutura dos textos literários de autoria feminina; 2) Estudo da psicodinâmica da criatividade feminina; 3) Estudo da trajetória da carreira literária da mulher, tanto individual quanto coletiva; 4) Estudo da evolução das leis da tradição literárias de mulheres.

Percebe-se que a crítica feminista não é apenas um estudo que se prende apenas a literatura, ela adota um perfil que vai além dos “muros” do texto literário e bebe em outras fontes do saber para construir um conhecimento crítico mais amplo e embasado sobre as relações de gênero. Portanto, a crítica feminista estuda o contexto histórico, social, cultural, etc. nos quais a mulher está inserida, a fim de desconstruir hierarquizações e conscientizar que a capacidade de um indivíduo não está relacionada às questões de sexo ou gênero, e que os termos *feminino* e *masculino* não podem e nem devem definir posições sociais.

2.3 A AUTORIA FEMININA

Sendo a literatura um dos principais meios para dar voz às mulheres, nota-se que é importante citar algumas das principais escritoras que marcaram a literatura. Através de suas obras, muitas são consideradas canônicas⁶, e mostraram sua insatisfação, muitas vezes, velada e em tom de ironia, como é o caso de Jane Austen. Entretanto, para conseguir reconhecimento, as mulheres tiveram suas produções excluídas e ignoradas do meio literário. Feministas como Virginia Woolfe e Kate Chopin, por exemplo, são escritoras que oferecem profundas reflexões a cerca da condição feminina na sociedade. Através de seus escritos as autoras tentam desconstruir os estereótipos femininos e mostrar a realidade da vida da mulher desde a esfera familiar até a social. Porém, a trajetória da mulher escritora foi marcada por diversas barreiras e preconceitos.

A inglesa Virginia Woolf (1882-1941), em seu livro de 1928, *Um teto todo seu* mostra a situação da mulher enquanto escritora. Ela mostra o contraste entre a mulher na literatura e a mulher na realidade. As personagens escritas na literatura por homens tinham um alto grau de importância, seres cheios de luz e vida, porém isso só acontecia na ficção, pois na vida real a situação era muito diferente. Essa pessoa com infinitas qualidades existia somente em obras literárias, a mesma que tinha um papel de heroína na realidade não passava de um ser sem vida própria. Enquanto o homem conhecia o mundo, tinha a oportunidade de descobrir seus talentos e colocá-los em prática, a mulher tinha que seguir o que lhe era imposto.

A escritora ainda faz menção às peças de Shakespeare relacionando a suposta incapacidade de qualquer mulher da sua época escrever suas peças:

[...] teria sido impossível, completa e inteiramente, a qualquer mulher ter escrito as peças de Shakespeare na época de Shakespeare. Permitam-me imaginar, já que é tão difícil descobrir fatos, que teriam acontecido se Shakespeare tivesse tido uma irmã maravilhosamente dotada, chamada, digamos, Judith (WOOLF, 2005, p.53).

⁶A palavra cânone é “de origem religiosa, depois [foi] adoptada [sic] pelos Estudos Literários, para designar obras-primas da literatura” (MACEDO e AMARAL, 2005, p. 13). Por muito tempo, as mulheres tiveram suas produções literárias desvalorizadas pelo fato de que tratavam de assuntos considerados inferiores, típicos da vida feminina, tais como domesticidade, isto é, casamento, etc. Apenas a partir do século XX elas tiveram suas produções reconhecidas e inseridas no cânone literário ocidental.

Woolf afirma que é difícil descobrir os fatos, pois a mulher era esquecida na história da sociedade, não existiam livros, pelo menos aqueles escritos por homens que permitissem o contato com tal realidade. E já que havia tanto preconceito e subestimação em relação à capacidade intelectual da mulher, a restava imaginar se Shakespeare tivesse uma irmã com uma veia poética igual a dele. Desta maneira Woolf (2004, p. 55) chega a conclusão: “[...] nem pensar que qualquer mulher da época de Shakespeare tivesse o gênio de Shakespeare”, isso por que a mulher nunca teria espaço para mostrar seu talento.

Nota-se que seria impossível uma mulher com dons literários publicar seus escritos no contexto histórico de Shakespeare, visto que isto poderia arruinar sua reputação, sobretudo porque uma mulher que ousasse escrever era tida como alguém sem boa saúde mental. Chegando a ser apontada pela sociedade como louca o anonimato foi um dos meios para publicação de seus trabalhos: “Esse refúgio ela decerto teria buscado. Foi o resquício do sentimento de castidade que ditou o anonimato às mulheres até mesmo já no século XIX” (WOOLF, 2005, p. 57).

O anonimato foi uma espécie de refúgio por volta do século XIX. Antes da mulher conseguir a liberdade almejada, outra forma para que se inserisse na literatura era através dos pseudônimos masculinos ou andróginos, como foi o caso das irmãs Brontë. Muitas mulheres ainda optavam por esconder-se e as que não faziam isso tinham que usar de artifícios para não ir contra os valores patriarcais, pois seus textos apresentavam temas polêmicos para a época. Como afirma Silvestre (2007, p. 65-66):

De fato, pode-se apontar como principal característica dos textos escritos por mulheres a abordagem de temas que discutem a sua condição, bem como as suas experiências e pontos de vista a respeito dos assuntos que lhes dizem respeito como o sexo, o trabalho, a maternidade e o amor, permitindo pelo menos uma abertura para a discussão acerca daquilo que chamamos de identidade feminina. Principalmente a partir de meados do século XIX, esses textos enfocam a realidade sob uma perspectiva feminina e procuram descobrir a verdadeira identidade da mulher, que se manteve escondida por trás de uma série de convenções impostas pela sociedade. Sabe-se que, apesar de transmitirem experiências essencialmente femininas e serem expressos a partir de uma visão feminina, esses textos não foram interpretados de acordo com tais características, que precisaram ficar escondidas por trás de uma forma menos contestadora e mais condizente com os preceitos da sociedade patriarcal.

Embora publicando seus trabalhos, as mulheres não podiam expressar seus pensamentos e experiências abertamente. As autoras utilizavam a ironia para manifestar a sua insatisfação, seja pessoal ou profissional. Nas entrelinhas elas deixavam a verdadeira

mensagem, o seu desejo de libertação. Um dos meios para ocultar sua crítica à sociedade e à hierarquização de poder era através da supervalorização dos feitos masculinos. O poema “The Prologue” da escritora americana Anne Bradstreet (1612- 1672) retrata esse tipo de figura de linguagem, a ironia.

Outra escritora que revolucionou a literatura de autoria feminina foi Kate Chopin. Diferentemente de Anne Bradstreet, Chopin não utiliza da ironia para denunciar os danos causados pela sociedade opressora. Com a sua autenticidade, uma das suas obras que mais chocaram a sociedade foi o presente objeto de estudo para esse trabalho, *O despertar*. Pesquisadores afirmam que exemplares do romance foram queimados em praças públicas. Tal ação leva-se ao fato de que o conteúdo dessa obra era algo não permitido, como por exemplo, o adultério da mulher. Entretanto, esse episódio de não reconhecimento naquele período não fez com que a sua carreira deslanchasse. Graças a Chopin, a mulher pode se ver através daquela obra e começar a repensar no seu papel enquanto filha, esposa, mãe e mulher em todos os sentidos da palavra, ou seja, novos horizontes se abririam após uma leitura crítica dessa obra.

3 DESCONSTRUINDO A OPRESSÃO

3.1 O NARRADOR E AS RELAÇÕES DE GÊNERO

O despertar retrata a história de uma mulher americana, Edna Pontellier, que almejava a libertação dos costumes patriarcais. A relação entre Edna e Léonce, seu esposo, não se diferenciava daquela entre homem e mulher inseridos naquela sociedade patriarcal. Após anos de casada com Léonce Pontellier, ela começa a despertar e a procurar a sua própria felicidade. Essa busca vai desde a satisfação profissional até mesmo a descoberta de uma paixão por Robert Lebrun. Diante disso, as relações de gênero entre os personagens serão mostradas na perspectiva do narrador. O narrador do romance é onisciente, pois a sua visão domina toda a narrativa caracterizando e conhecendo todas as emoções dos personagens.

Sr. Pontellier é um homem de boa aparência, elegante, de acordo com os padrões da sua sociedade. Entretanto não se diferenciava dos demais estereótipos masculinos daquela época, pois ocupava o lugar considerado de liderança, enquanto o da mulher restringia-se à passividade ou como um objeto de ostentação. No início da narração o Sr. Pontellier trata sua esposa como um objeto de valor: “Você está irreconhecível de tão queimada – ele acrescentou, olhando para sua esposa como olha para um valioso item de propriedade que sofreu algum dano” (CHOPIN, 2002, p. 9-10). Edna está um pouco sob os efeitos solares e de acordo com Foltran (2006), ela perderia parte do seu valor para Léonce, a qual não serviria para ostentação, visto que a aparência da mulher refletia nos negócios e nas relações sociais.

Edna Pontellier é uma mulher americana que casou com um creole, Léonce Pontellier. O narrador a define como vistosa e atraente, mas que não cumpria os deveres característicos como mulher daquela época, pois era desinteressada pelos assuntos do marido, todavia ela era – uma ironia clara - “era o único objeto de sua existência” (CHOPIN, 2002, p. 14). Além disso, Léonce repreende a esposa ao perceber que Raoul, um de seus filhos estava com febre e ao invés de tomar providências, acende um charuto e senta-se, enquanto isso ela tinha única e exclusiva obrigação de ter os cuidados necessários com seus filhos:

Ele repreendeu sua esposa por sua desatenção, sua habitual negligência com as crianças. Se não fosse a função de uma mãe tomar conta das crianças, de quem seria afinal? Ele próprio estava ocupado com seu negócio de corretagem. Ele não podia estar em dois lugares ao mesmo tempo: ganhando a vida para sua família na rua e ficando em casa para garantir que nenhum

mal lhes acontecesse. Falava de maneira monótona, insistente (CHOPIN, 2002, p. 15).

Pode-se observar a hierarquização de posições onde o homem trabalha para sustentar a família e a mulher deve ficar em casa para cuidar e servir a família. É nítida a hierarquização típica do século XIX onde “Os papéis masculino e feminino são muito claros, aqueles que ousam romper os limites, os códigos de feminilidade e masculinidade são severamente punidos pela coerção social” (MOREIRA, 2005, p. 54). Por outro lado, o Sr. Pontellier costuma ir ao Hotel Klein’s para jogar e não tem hora para voltar pois “tudo dependia da companhia que ele encontrasse no Hotel Klein’s e o tamanho da ‘partida’” (CHOPIN, 2002, p. 11). Enquanto o homem repreendia a mulher por não cumprir com perfeição um papel que lhe era imposto, ela tinha que silenciar diante de atos como o de Léonce. Entretanto, o narrador onisciente descreve que a repreensão mexe com o interior de Edna. Algo mesmo que de maneira inconsciente para a personagem começa a surgir:

Ela não saberia dizer por que estava chorando. Experiências como a anterior não eram incomuns a vida de casada. Elas nunca pareceram pesar muito em relação à abundante bondade de seu marido e à constante devoção que havia se tornado tácita e conhecida (CHOPIN, 2002, p.16).

A devoção tornou-se algo inconsciente que estava presente em todos os atos e momentos, ou seja, tudo era direcionado para satisfação de Léonce. Enquanto ele era bondoso por sustentar a família, comprar presentes para todos, Edna se sentia insatisfeita, mas ela ainda não tinha consciência dos motivos para a angústia que sentia, uma comprovação da caracterização do narrador onisciente, pois mesmo sem a personagem entender o que se passava, ele já estava ciente do que se passa no seu íntimo. A sua posição era apenas concordar quando “todos declaram que o Sr. Pontellier era o melhor marido do mundo” (CHOPIN, 2002, p. 18). Percebe-se que apesar de Léonce passar a noite jogando bilhar ao invés de ficar com a família, mantinha uma mesma posição honrável. De acordo com Zolin (2005), a passividade é algo intrínseco à mulher, uma vez que a mesma teria que silenciar-se diante das situações que lhe eram impostas:

[...] A situação da mulher no mundo (a de oprimida) lhe nega a expressão normal de humanidade e frustra seu projeto humano de auto-afirmação e autocriação. Enquanto os homens são encarregados de “remodelar a face da terra”, apropriando-se dela, impondo-lhe sua marca, à mulher é vedada da possibilidade de ação. Além de estar aí, sua opressão está também, e principalmente, na crença de que o destino da mulher é ser passiva, uma vez

que a passividade integra, irremediavelmente, sua natureza. Em vista disso, e não podendo rebelar-se contra a natureza, o mundo não lhe pertence e sua energia é canalizada para o narcisismo, o romantismo ou a religião. O acesso a elevados valores humanos, como o heroísmo, a invenção e a criação lhe é vedado (ZOLIN, 2005, p. 188).

O narrador parece um tanto frio em relação às mulheres, visto que logo de início não está a favor de Edna. Ele trata a mulher negra com um tom insensível:

A babá mulata era vista como um grande estorvo, boa apenas para abotoar corpetes e calças e para escovar e repartir cabelos, já que parecia ser uma regra da sociedade que cabelos devem ser repartidos e escovados (CHOPIN, 2002, pág. 19).

Neste momento, é visível preconceito em relação à mulher negra, uma vez que “O século XIX e parte do XX consideravam as questões sobre raça, classe e gênero (...) como sendo temas muito delicados e ficavam, ainda, mais complicados, mais complexos, quando abordados por mulheres e escritoras (MOREIRA, 2003, p.71). Também estamos diante dos estereótipos criados pela sociedade patriarcal, a qual definia até como uma dama devia se pentear. Nota-se que além do comportamento a sociedade ditava as questões de moda, as quais as mulheres deveriam seguir para serem consideradas como bonitas e elegantes, uma vez que “A proliferação de um estilo está dependente da aprovação social que recebe” (MACEDO e AMARAL, 2005, p. 132).

Referente ao papel de mãe, o narrador aponta que Edna falhava “Em suma, a Sra. Pontellier não era uma mulher mãe” (CHOPIN, 2002, p.19). Uma “Mulher mãe” era aquela que dedicava todo seu tempo aos cuidados com a família. O narrador ainda mostra que a mulher ideal como “anjos auxiliares”, ela está ali não para comandar, mas para fazer uma tarefa “fácil”, auxiliar, enquanto os maridos cuidavam dos negócios. O narrador é, portanto, crítico à sociedade, e retrata tais questões exatamente à pretexto da crítica. Dentro do romance há um exemplo desse anjo, “uma delas era a encarnação de toda graça e encantos femininos” (CHOPIN, 2001, p.19), Adèle Ratignolle. É possível perceber o contraste que o narrador faz entre Edna e Adèle. Enquanto Adèle era vista como uma heroína a qual lhe era atribuída todos os adjetivos de uma verdadeira dama na época patriarcal, Edna deixava a desejar no seu papel de mãe e de mulher. De acordo com Amaral e Macedo (2005), uma mulher vitoriana do século XIX sempre estaria ligada a um único objetivo, ao de servir o lar, e a figura angelical seria justamente aquela passiva e dedicada, definida como “o anjo do lar”. Moreira (2003, p. 140) aponta a representação de duas mulheres a ativa e a passiva:

As caracterizações de Adèle e Edna estabelecem um contraponto entre as duas mulheres: uma representa a mulher-mãe, aquela fada às dores da maternidade; a outra, a mulher emancipada, a que se coloca tanto no plano espiritual, quanto no sexual e se mantém ativa, nunca passiva.

Edna Pontellier e Madame Ratignolle tinham pontos de vista totalmente diferentes em relação à maternidade, pois “Edna uma vez disse a Madame Ratignolle que nunca se sacrificaria por seus filhos, ou por qualquer outra pessoa” (CHOPIN, 2002, p. 90). Tal posicionamento gerou espanto em Madame Ratignolle, em seguida explicando-lhe que “(..)abriria mão do secundário. Eu daria meu dinheiro, eu daria minha vida pelos meus filhos, mas não abriria mão de mim mesma (CHOPIN, 2002, p. 90) . Em sua visão limitada sobre a vida e sobre si mesma, Madame Ratignolle, não compreende a fala de Edna, pois para ela, “uma mulher que desse sua vida por seus filhos não poderia fazer mais por eles (a Bíblia diz isto). Eu tenho certeza de que não poderia fazer mais que isto” (CHOPIN, 2002, p. 90). Em contraposição a Adèle, Edna representa a mulher que não cala e não aceita se sacrificar, e segundo Moreira o espanto se dá pelo fato de que a personagem representa a mulher que se submete tranquilamente às imposições patriarcais e crê que todas as mulheres nasceram destinadas a tal papel, o de mãe:

O papel de mãe devota, também tiraniza as mulheres porque lhes castra as opções, destinando-as apenas à maternidade. A sociedade passa a abominar aquelas que, por algum motivo, seja de ordem pessoal, seja de ordem física, não se dispõem ao *sacrifício*, à *missão*, à *vocação*, e por que não dizer, à obrigação da natureza humana- a maternidade (MOREIRA, 2003, p. 55).

Ao longo da narrativa, Edna descobre sua subjetividade e começa a desenvolver seus talentos para a pintura, tornando-se uma artista, cujas obras eram solicitadas para compra. Por não lhe permitir a castração dos seus sonhos Edna Pontellier era uma mulher talentosa “ela usava seu pincéis com certa facilidade e liberdade que vinham não da prática, mas de uma aptidão natural” (CHOPIN, 2002, p. 26). Apesar de ser talentosa, Edna, inicialmente, percebia as falhas de pintura, antes de atingir um patamar superior em qualidade: “A figura completa não tinha nenhuma semelhança com Madame Ratignolle” (CHOPIN, 2002, p. 26). Entretanto, ela sabia que tinha talento e Robert Lebrun reconhecia isto.

Apesar de todos esses comportamentos femininos, Edna aparentava não seguir tais regras como lhe eram impostas, tanto por se diferenciar das demais do papel de “mulher mãe” e esposa, e por ela ter uma relação diferente com Robert Lebrun. Robert é, um jovem simples,

mas de boa aparência que trabalhava numa loja de tecidos e servia de acompanhante para as senhoras na ausência de seus maridos. A relação se diferenciava, pois inconscientemente um interesse além da amizade crescia entre ambos: “Robert falou muito de si mesmo. Ele era um jovem e não sabia portar-se de outra maneira. Sra. Pontellier falou um pouco a seu respeito pela mesma razão. Um estava interessado no que o outro dizia” (CHOPIN, 2002, p. 12).

Robert aparentava ter um comportamento diferente dos demais homens daquela época, visto que reconhecia o talento de Edna. A simpatia entre Edna e Robert aumentava: “Robert e a Sra. Pontellier sentados desocupados, ocasionalmente trocando palavras, olhares e sorrisos que indicavam um avançado estágio de intimidade de *camaraderie*” (CHOPIN, 2002, p. 23). Ninguém notava nada de estranho na aproximação deles, pois Robert sempre acompanhava as damas.

Outra vez, percebemos que o narrador onisciente sabe de tudo que acontece no decorrer da narrativa, um exemplo disso é a aproximação de Edna e Robert. A paixão crescia a cada encontro, que para eles se tornou um conflito interno pela impossibilidade da paixão se concretiza. Para tentar se afastar de Edna e manter a sua honradez diante da sociedade Robert viaja para o México. De acordo com Rossi (2006), Robert contribuiu com o despertar de Edna, de maneira que os desejos ocultos dela aflorassem e fizessem com que ela buscasse um novo modo de vida.

Diferentemente de Robert que é tido como um cavalheiro, Alcèe Arabin representa a imagem do homem sedutor, que de acordo com Madame Ratignolle, é capaz de comprometer a imagem de qualquer mulher:

Claro, não faria diferença se o Sr. Arabin não tivesse uma reputação tão horrível. Monsieur Ratignolle estava me dizendo do que suas intenções apenas são consideradas para arruinar o nome de uma mulher (CHOPIN, 2002, p. 177).

Da mesma maneira que há o contraste entre as personagens femininas também observamos esse contraste entre os personagens masculinos. Fica visível que as relações de gênero são bastante distintas, pois observa-se por intermédio do narrador onisciente que crença da dominação masculina, além de vir do meio masculino, também vem através do meio feminino para com outras mulheres.

3.2 EDNA PONTELLIER: ESPAÇO E CONDIÇÃO

Grand Isle é o lugar em que se inicia a narração do romance onde a família Pontellier passava o verão. Ali, Edna Pontellier começa a repensar sobre a sua posição enquanto mulher. Tal espaço oferece para a personagem possibilidades para que isso aconteça que vão desde as repreensões do marido, Léonce Pontellier, até a sua descoberta da paixão através de Robert Lebrun. De acordo com as mudanças de espaço, percebe-se as alterações no comportamento e pensamento de Edna. Por exemplo, no *resort* de Madame Lebrun onde estava hospedada, ela estava cercada de mulheres e homens que eram controlados pelo sistema patriarcal. Entretanto, a personagem se diferencia um pouco dos demais, no que se refere a hierarquização dos papéis na sociedade, pois: “Desde muito cedo compreendeu instintivamente a vida dupla-aquela vida exterior que se conforma e a interior que se questiona” (CHOPIN, 2002, p. 29). Como afirma Moreira (2003, p. 138):

O processo de auto-reconhecimento em Edna foi radical e esta manifestação se deu por uma intensa interiorização, cujo ápice aconteceu quando a personagem se elege o centro de sua própria existência, consciente de que este era um direito seu.

A vida exterior é referente ao que a sociedade impõe, ou seja, o que uma mulher precisa para ser feliz, ter uma família para cuidar e dedicar todo seu tempo, porém a vida interior é aquela em que os desejos da mulher ficam presos, por exemplo, a escolha do seu próprio destino, cuja sua união a Léonce foi “um completo acidente, neste respeito assemelhando-se a tantos outros casamentos que se disfarçam como sentenças do Destino” (CHOPIN, 2002, p. 37).

Desta maneira, o despertar da protagonista se inicia pelo seu casamento, sobretudo porque: “conflitos entre o casal se acirram e Edna passa a ser, cada dia mais crítica em relação ao casamento como uma instituição, até que rompe os laços de família e permite-se vivências inadequadas aos padrões morais e sociais da época” (MOREIRA, 2003, p. 129), ou seja, como tantos outros, Edna não se casou por amor, mas sim por imposições familiares e foi nesse casamento que descobriu a maternidade: “Ela gostava de suas crianças de maneira desigual e impulsiva”(CHOPIN, 2002, p. 38). Apesar de ser mãe Edna tinha uma espécie de sentimento considerado diferente que de acordo com o narrador: “A ausência deles era uma espécie de alívio, apesar dela não o admitir, nem mesmo para si própria” (CHOPIN, 2002, p. 38).

Na ida à missa em Chênrière, Edna sentia um sentimento de liberdade “Navegando pela baía de Chênrière Caminada, Edna sentiu como se ela estivesse sendo desatracada de algum ancoradouro que a prendia firmemente (...)” (CHOPIN, 2002, p. 66). Entretanto, ao chegar na igreja, um sentimento de angústia toma o seu ser:

Uma sensação de opressão e sonolência tomaram conta de Edna durante a missa. Sua cabeça começou a doer e as luzes no altar balançavam na frente dos seus olhos. Mais uma vez ela fez um esforço para readquirir sua compostura, mas seu único pensamento era sair da atmosfera sufocante da igreja e alcançar o ar livre (CHOPIN, 2002, p. 68).

Nesse momento, é como se o novo “eu” de Edna entrasse em conflito com a doutrina religiosa, uma vez que, de acordo com Moraes (2004), o puritanismo é uma característica do período vitoriano que acima de tudo preservavam a moralidade e religiosidade e a sexualidade e fidelidade estavam ligadas a elas. Desta maneira, Edna é recebida na cabana de Madame Antonie. Na cabana, Edna descobre a sexualidade que até o momento estava aprisionada em seu interior. Sendo assim, ela explora seu corpo:

Edna, deixada sozinha no pequeno quarto ao lado, afrouxou suas roupas, tirando a maior parte delas, banhou seu rosto, seu pescoço e seus braços na pequena bacia que ficava entre as janelas. Tirou os sapatos e as meias e se estirou no meio da enorme, alta cama branca. Que luxo era descansar assim numa cama estranha, exótica, com o doce cheiro campestre de louro nos lençóis e no colchão! Esticou seus longos braços e pernas, que doíam um pouco. Passou os dedos nos cabelos soltos alguns momentos. Olhou para seus delgados braços e os manteve esticados para cima e os esfregou um depois do outro, observando-os cuidadosamente, como se fosse algo que ela visse pela primeira vez, a bela, firme qualidade e textura de carne. Ela juntou as mãos confortavelmente atrás de sua cabeça e foi assim que adormeceu (CHOPIN, 2002, p.71).

Na mansão Pontellier, Edna se sentia aprisionada e não podia realizar seus desejos e sonhos. Edna almejava uma liberdade que dentro daquela esfera não lhe era permitido pelas opressões vindas do papel autoritário de Léonce. Desta maneira, Edna percebe que para ter uma vida independente terá que ter sua própria casa, uma vez que na casa de Léonce, ela não tinha a liberdade de pintar seus quadros e trilhar seu próprio destino de acordo com seus desejos. Como esperado, o Sr. Pontellier desaprovou a sua decisão. Entretanto, sua preocupação estaria relacionada apenas ao fato de comprometer seu status financeiro:

Ele não estava pensando em um escândalo quando deu este aviso: era uma coisa que nunca passou pela sua cabeça considerar em relação ao nome de sua mulher ou a seu próprio. Ele estava pensando em sua integridade financeira (CHOPIN, 2002, P. 172).

Nota-se que as preocupações eram direcionadas apenas à questões de aparência, mas Léonce tomou as devidas providências para salvar seus negócios:

(...) em um dos jornais diários apareceu uma breve nota para dar a impressão de que o Sr. e a Sra. Pontellier estavam planejando passar uma temporada de verão no exterior e que sua residência na Rua Explanade estava passando por suntuosas alterações e não estaria pronta para ocupação até o seu retorno. O Sr. Pontellier salvara as aparências! (CHOPIN, 2002, p.173).

Com nenhum impedimento, o sonho de Edna crescia em seu interior e estava cada vez mais perto de libertar-se daquilo que impedia sua ascensão, e passou a se preocupar apenas com sua felicidade, sem se importar com a repercussão do seu novo modo de viver. Questões financeiras e aparências não eram relevantes, sendo que seu interior descobria um novo sentido para sua vida:

Havia em Edna um sentimento de ter descido da escala social e uma correspondente sensação de ter subido na espiritual. Cada passo que ela dava em direção a se libertar de obrigações somava-se à sua força e sua expansão como um indivíduo. Ela começou a ver com os próprios olhos: a ver e compreender as tendências ocultas da vida. Não mais ela estava satisfeita em “alimentar-se da opinião dos outros” quando seu próprio espírito de despertara (CHOPIN, 2002, p.173).

Edna podia pintar suas telas livremente e a sensação de liberdade crescia em seu interior. Para aquela época o ato de Edna foi visto como desafiador, pois “mesmo no século XIX, a mulher não era incentivada a ser artista. Pelo contrário, era tratada como arrogância, esbofeteadas, submetida, a sermões e admoestada” (WOOLF, 2004, p. 62). Nota-se que apesar das reprovações, a mudança na vida de Edna aconteceu após mudar-se da casa de Léonce. Conforme Virginia Woolf, uma mulher que quisesse crescer profissionalmente “ (...) precisa ter dinheiro e um teto todo seu” (WOOLF, 2004, p. 8). De acordo com Moreira:

O traço mais importante nas personagens de Kate é a independência quase intrínseca à natureza de todas elas. Há uma leveza, uma espontaneidade no espírito dessas mulheres que as fazem transcendentais, que as colocam acima dos papéis que lhes eram reservados na cultura e na sociedade a que pertenciam (MOREIRA, 2003, p. 145).

Embora Edna tenha tido toda essa ascensão, o divórcio era uma situação complicada para mulher, além disso, uma mulher morando sozinha não era bem vista aos olhos da sociedade. Na percepção de Madame Ratignolle, Edna estaria agindo de forma irracional e infantil ficando exposta aos comentários maldosos “(...) você sabe como o mundo é malicioso- alguém, estava falando de AlcéeArobin visitando-a” (CHOPIN, 2002, p. 177). De fato, as visitas de Arobin levaram-na ao adultério, ainda que não fique claro se houve envolvimento físico entre ambos, além de beijos: “Ele não respondeu, exceto por continuar acariciando-a e ele não disse boa noite até que ela tornou-se condescendente a suas gentis, sedutoras súplicas” (CHOPIN, 2002, p. 171). Percebe-se que apesar do adultério feminino ser um escândalo moral para época Vitoriana, Kate Chopin não o descreveu como tal, pois não havia sentimentos de arrependimentos ou temor:

Mas entre as sensações conflitantes que a atacavam, não havia vergonha ou remorso. Havia uma agonia melancólica porque não foi o beijo do amor que a inflamara, porque ao foi o amor o amor que estendeu esta taça de vida a seus lábios (CHOPIN, 2002, p. 156).

Mais uma vez Chopin trata de um assunto considerado tabu para a sociedade vitoriana, a mulher adúltera, pois “(...) à representação da mulher como incapaz e impotente subjaz uma conotação positiva; à independência feminina deslumbrada na megera e na adúltera remete à rejeição e à antipatia” (ZOLIN, 2005, p. 190).

A única coisa que afligia Edna era o fato de não ter sido um beijo de amor, mas logo essa aflição chegou ao fim, pois Edna e Robert confessaram a paixão que sentia um pelo outro, logo que ele retornou do México: “Eu o amo – ela sussurrou – ninguém além de você. Foi você que me despertou no verão passado” (CHOPIN, 2002, p. 199). Como afirma Moreira, Robert foi responsável pelo início do despertar de Edna: “A paixão de Edna veio acompanhada de descobertas outras, em especial de uma percepção menos amena, mais descontraídas” (CHOPIN, 2002, p. 138). Entretanto, apesar de ambos assumirem seus sentimentos e Edna despertar para o verdadeiro amor e para o real significado da sua existência, ela se dá conta que seria impossível a consumação desse amor e da tão desejada liberdade:

- O problema é – suspirou o Doutor (...) – é que a juventude é dada às ilusões. Parece ser uma provisão da Natureza, um engodo para assegurar mães para a raça. E a Natureza não leva em conta as conseqüências morais,

as condições arbitrárias que nós criamos e que sentimos obrigados a manter de qualquer custo (CHOPIN, 2002, p. 204).

Mais uma vez retoma-se a crença de que o destino da mulher já foi traçado pela Natureza e neste momento Edna percebe que todos os seus valores conquistados estão sendo ameaçados pela sociedade opressora “(...) Talvez seja melhor acordar no final das contas, mesmo para sofrer, do que continuar tapeado por ilusões a vida toda” (CHOPIN, 2002, p. 204). Para Mills o bem-estar do indivíduo se dá ao fato de não sentir seus objetivos ameaçados:

Quando as pessoas estimam certos valores e não sentem que sobre eles pesam qualquer ameaça, experimentam o *bem-estar*. Quando os estimam mas sentem que estão ameaçados, experimentam uma crise – seja como problema pessoal ou como questão pública. E se todos os seus valores estiverem em jogo sentem a ameaça total de pânico (MILLS, 1965, p.13).

Percebe-se que esse *bem-estar* de Edna foi momentâneo e seu despertar não passou de ilusões, considerando que diante da sociedade em que vivia nunca teria o direito de seguir seu próprio destino, traçado por seus desejos e aspirações, seja tanto no âmbito pessoal ou social. Se Edna não aceitava as opressões, a única saída para a personagem foi o suicídio. O suicídio representa a impossibilidade da independência da mulher em tal época, pois como a amiga de Edna, Mademoiselle Reizdisse: “A ave que quiser elevar-se cima do nível normal da tradição e preconceito deve ter asas fortes. É um espetáculo triste ver os fracos feridos, exaustos, batendo asas de volta à terra” (CHOPIN, 2002, p. 154).

O mar sempre foi um espaço que trazia liberdade para a protagonista; ali a personagem se direcionava em momentos de seu despertar. Quando Edna despertava do seu papel de mulher-esposa: “O som do mar, rompia a noite como uma canção triste” (CHOPIN, 2002, p. 16). Assim, como questões relacionadas à sensualidade: “A voz do mar fala à alma. O toque do mar é sensual, envolvendo o corpo em seu suave, denso abraço.” (CHOPIN, 2002, p. 29). E assim como em outros momentos, no suicídio “as vozes do mar” a seduzia: “A voz do mar é sedutora, nunca cessa, sussurrando, chamando, murmurando, convidando o espírito a vagar nos abismos da solidão” (CHOPIN, 2002, p. 210). É justamente no mar que a narrativa se encerra quando a “exaustão estava impondo-se sobre ela e dominando-a” (CHOPIN, 2002, p. 211) e a personagem comete o suicídio: “Ela olhou para a distância e o velho terror inflamou-a por um instante, depois afundou novamente” (CHOPIN, 2002, p. 212). Para tal desfecho, é de suma importância levar em consideração a crítica social feita por Kate Chopin, pois nos romances de adultério, em especial do século XIX “a mulher mata-se ou deixa-se morrer”

(MACEDO e AMARAL, 2005, p. 170). No caso do romance *O despertar*, a personagem Edna escolhe o suicídio ao invés de viver presa a uma esfera que lhe proíbe da verdadeira felicidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa abordou a condição feminina no século XIX, sendo apresentada através da protagonista Edna Pontellier, no romance *O despertar*. Sendo assim, percebeu-se que a escritora Kate Chopin retrata a mulher que está em ascensão no período patriarcal, transgredindo sua condição na esfera privada para a pública, percurso no qual Edna encontra diversas dificuldades.

Por meio dos estudos aqui apresentados, a independência financeira e a dedicação à arte como profissão, não eram bem vistas e tal dedicação apenas poderia ser tida como lazer. Entretanto, a ascensão profissional da personagem acontece. Além disso, Edna desperta do papel de esposa e mãe e descobre um mundo em que seu interior se encontra em constante ascensão fugindo totalmente do papel atribuído à mulher.

Assim, o romance *O despertar* oferece ao leitor a possibilidade de identificar os estereótipos femininos e masculinos da sociedade patriarcal. Como frisa Moreira (2003), as personagens femininas estão fora dos padrões patriarcais, visto que estas estão em uma constante busca pela libertação. Entretanto, apesar da personagem Edna conseguir despertar, chegando ao topo da ascensão, verificou-se a impossibilidade da mesma vivenciar todas essas conquistas, não pela incapacidade, mas sim pelas repressões presentes no contexto social o qual ela estava inserida.

Sendo assim, a protagonista desde o início da narração possui diferenças da figura estereotipada da mulher daquela época. Os papéis atribuídos as mulheres são impostos pela crença da superioridade masculina. Desta maneira, apesar de todas as opressões, a personagem teve a função de desmistificar todos esses estereótipos rotulados pelo patriarcalismo, mostrando que a mulher é capaz de fazer suas próprias escolhas e conquistar todos os lugares que lhe são tirados.

Contudo, a literatura constitui uma ferramenta de crítica social, e o romance *O despertar* de Kate Chopin, juntamente com feminismo proporcionam reflexões acerca das hierarquizações entre o feminino e o masculino na sociedade. Espera-se que essa monografia contribua para as futuras pesquisas de punho feminista que visem ressaltar os direitos de escolha da mulher, bem como a sua participação nas esferas públicas.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: a experiência vivida. Trad. de Sérgio Millet. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1980.

BENSTOCK, Shari. **Feminist Issues in Literary Scholarship**. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press. 1987.

CHOPIN, Kate. **O despertar**. Tradução de Carmem Lúcia Foltran. Paz e Terra. São Paulo. 2002.

FOLTRAN, Carmen Lúcia. **Formação Literária e Formações Sociais em The Awakening**. São Paulo: USP, 2006 (Dissertação de mestrado).

GILBERT, Sandra, GUBAR, Susan. **The Norton Anthology of Literature by Woman: The Traditions in English**. 2 ed. W.W. Norton & Company. New York. London. 1996.

INGE, M. Thomas. **A nineteenth-century American Reader**. Washington: United States Document of State, 2001.

KNOP, Márcia; GUERRA, Henrique. Iniciação a Kate Chopin (Tempo e Espaço). In: FARIAS, Beatriz Viégas-; CARDOSO, Betina, Mariante; BROZE, Elizabeth R.Z. **Kate Chopin**: contos traduzidos e comentados – estudos literários e humanidades médicas. Porto Alegre: Casa Editorial Luminara, 2011.

MACEDO, Ana Gabriela, AMARAL, Ana Luísa. **Dicionário da Crítica Feminista**. Edições Afrontamento. Porto. 2005.

MARQUES, Nayara de Oliveira. **O retrato da obsessão**: Uma análise da obra O retrato de Dorian Gray sob a ótica do atual culto estético do corpo. UNESC. Criciúma. 2010. (Monografia de pós graduação).

MILLS, C. Wright. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1965.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de Termos Literários**. São Paulo: Editora Cultrix, 2004.

MONTEIRO, George. "Death by water" in Kate Chopin and T. S. Eliot. In: *Revista Estudos Anglo Americanos*. Rio Preto: Editora Insular, 2001/2002.

MORAIS, Flavia Costa. **Literatura vitoriana e educação moralizante**. Campinas, SP: Alínea, 2004.

MOREIRA, Nadilza de Barros. **A condição feminina revisitada: Júlia Lopes de Almeida e Kate Chopin**. João Pessoa: Editora Universitária, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Humano, Demasiado Humano**. São Paulo: Rideel, 2005.

NYE, Andrea. **Teoria e as Filosofias do Homem**. Tradução de Nathanael. C. Caixeiro Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1995

REUTER, Yves. **A análise da narrativa: o texto, a ficção, e a narração**. Tradução Mario Pontes. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

ROSSI, A. D. **A desarticulação do universo patriarcal em The Awakening, de Kate Chopin**. UNESP: Araraquara, 2006. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários)

SHOWALTER, Elaine. **A Literature of Their Own: British women novelists from Brontë to Lessing**. Virago, 2009.

SILVESTRE, Marcela Aparecida Cuuci. **Processos de construção e representação e representação da identidade feminina em contos de Kate Chopin**. UNESP: Araraquara, 2007. (Tese, Doutorado em Estudos Literários)

VANSPANCKEREN, Kathryn. **Perfil da Literatura Americana**. Agência de Divulgação dos Estados Unidos da América. 1994.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Tradução de Vera Ribeiro. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2004.

ZOLIN, Osana Lúcia. **Crítica Feminista**. In: BONICCI, Thomas, ZOLIN, Osana Lúcia. *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: EUEM. 2005.